

A EDUCAÇÃO DOS CORPOS E A FEITURA DO GÊNERO NA CONSTITUIÇÃO DAS SUJEITAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

EDUCATION OF BODIES AND GENDER MAKING IN THE CONSTITUTION OF THE TRANSEXUAL AND TRANSSEXUAL SUBJECTS

EDUCACIÓN CORPORAL Y GÉNERO EN LA CONSTITUCIÓN DE SUJETOS TRANVEST Y TRANSEXUALES

Francisco Francinete Leite Junior¹ , Isaura Caroline Abrantes Silva² , Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas³ 

RESUMO

Em uma pedagogia da sexualidade, os corpos são constituídos aos moldes da heteronormatividade em um sistema binário que tange ao masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual com ditames de normativas rígidas para meninos e meninas. Nesse sentido, atenta-se para a importância de refletir sobre a configuração dos corpos e do gênero, uma vez que engendra aos indivíduos desviantes sofrimento ético-político, definindo modos de ser e existir padronizados. Essa pesquisa é produto do Projeto de Iniciação Científica: Psicologia e diversidade sexual – as (trans) experiências na educação de corpos e feitura de gênero de travestis e transexuais no cariri cearense, vinculado ao Grupo de pesquisa Psicologia e Subjetividades Contemporâneas registrado junto ao Centro Universitário Dr Leão Sampaio - UNILEÃO em Juazeiro do Norte-CE. Dessa forma, essa pesquisa tem por escopo problematizar a educação dos corpos e a feitura do gênero na constituição dos sujeitos. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica com base nos descritores “educação”, “corpo” e “gênero” em autores clássicos sobre a temática em questão e em artigos científicos. Destarte, discute-se sobre as questões que tangem ao biopoder e a domesticação dos corpos na educação, para em seguida refletir a binaridade do gênero e de uma ética da existência em corpos abjetos e por último, investiga-se o lugar dos desviantes, uma zona inóspita e de vida nua. Portanto, ressalta-se que as marcas identitárias de corpo-gênero-sexualidade implicam em forças de relações de poder e resistência em um campo sócio-histórico que envolve repetição de acontecimentos em prol da manutenção das normas e formas micropolíticas de subversividade.

Palavras-chave: Educação. Corpo. Gênero. Psicologia.

ABSTRACT

In a pedagogy of sexuality, bodies are constituted according to heteronormativity in a binary system that concerns the male/ female, male/female, heterosexual/homosexual with strict normative rules for boys and girls. In this sense, attention is paid to the importance of reflecting on the configuration of bodies and gender, since it engenders deviant individuals with ethical and political suffering, defining standardized ways of being and

¹ Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica do Pernambuco – UNICAP e Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. E-mail: professor.juniorlinhares@gmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Gestalt-terapeuta pela Diálogos- Psicologia Clínica e Centro de Desenvolvimento de Pessoas. Pós-graduanda na especialização em Saúde Coletiva (CGESP). Bolsista de Iniciação Científica pelo projeto Psicologia e diversidade sexual – as (trans) experiências na educação de corpos e feitura de gênero de travestis e transexuais no cariri cearense. Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. E-mail: icarolineabrantes@hotmail.com

³ Doutorado em Psicologia, pela Universidad de Deusto, U.D., Espanha. Docente do Programa de pós Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica do Pernambuco – UNICAP. E-mail: crismaz@gmail.com

Autor Correspondente: Francisco Francinete Leite Junior
E-mail: professor.juniorlinhares@gmail.com

Recebido em 31 de Janeiro de 2020 | Aceito em 18 de Maio de 2021.



existing. This research is the product of the Scientific Initiation Project: Psychology and sexual diversity - the (trans) experiences in the education of bodies and gender making of transvestites and transsexuals in Cariri Ceará, linked to the Research Group on Psychology and Contemporary Subjectivities registered with the University Center Dr Leao Sampaio - UNILEÃO in Juazeiro do Norte-CE. Thus, this research aims to problematize the education of bodies and the making of gender in the constitution of subjects. For this, a bibliographic review was carried out based on the descriptors “education”, “body” and “gender” in classic authors on the subject in question and in scientific articles. Thus, it discusses the issues related to biopower and the domestication of bodies in education, to then reflect the binary nature of gender and an ethics of existence in abject bodies, and finally, the place of deviants is investigated, a inhospitable zone and naked life. Therefore, it is emphasized that the identity marks of body-gender-sexuality imply forces of power and resistance relations in a socio-historical field that involves repetition of events in favor of maintaining the norms and micropolitical forms of subversivity.

Keywords: Education. Body. Genre. Psychology.

RESUMÉN

En una pedagogía de la sexualidad, los cuerpos se constituyen siguiendo las líneas de la heteronormatividad en un sistema binario que concierne al hombre / mujer, hombre / mujer, heterosexual / homosexual con estrictas normas normativas para niños y niñas. En este sentido, se presta atención a la importancia de reflexionar sobre la configuración de cuerpos y género, ya que engendra individuos desviados con sufrimiento ético y político, definiendo formas estandarizadas de ser y existir. Esta investigación es producto del Proyecto de Iniciación Científica: Psicología y diversidad sexual - las (trans) experiencias en la educación de cuerpos y la conformación de género de travestis y transexuales en Cariri Ceará, vinculado al Grupo de Investigación en Psicología y Subjectividades Contemporáneas registrado con el Centro Universitario Dr. Leao Sampaio - UNILEÃO en Juazeiro do Norte-CE. Así, esta investigación tiene como objetivo problematizar la educación de los cuerpos y la toma de género en la constitución de los sujetos. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica a partir de los descriptores “educación”, “cuerpo” y “género” en autores clásicos sobre el tema en cuestión y en artículos científicos. Así, se discuten los temas relacionados con el biopoder y la domesticación de los cuerpos en la educación, para luego reflejar la naturaleza binaria del género y una ética de la existencia en los cuerpos abyectos, y finalmente, se investiga el lugar de los desviados, una zona inhóspita y de desnudez. la vida. Por tanto, se enfatiza que las señas de identidad cuerpo-género-sexualidad implican fuerzas de poder y relaciones de resistencia en un campo sociohistórico que involucra la repetición de hechos a favor del mantenimiento de las normas y formas micropolíticas de la subversividad.

Palabras llave: Educación. Cuerpo. Género. Psicología.

Abrindo os trabalhos

O corpo, o gênero e a sexualidade formam uma tríade de constituição identitária que alude à constituição dos sujeitos. Dessa maneira, a educação tem um papel essencial no que se refere ao processo de configuração dos corpos, gêneros e sexualidades, uma vez que enquanto dispositivo de poder atua na legitimação e deslegitimação de corpos através de uma pedagogia disciplinadora. À vista disso, delimitam-se corpos desviantes, e conseqüentemente, pessoas discriminadas, marginalizadas e excluídas do direito à existência.

Vislumbrando este fenômeno pela ótica foucaultiana, dirige-se para a desterritorialização, ao estranhamento,

na ausência de um ponto estável, os caminhos são possibilidades de passagem. Através de práticas e saberes, a educação contribui para a construção do sujeito moderno, constituindo modos de subjetivação. Dessa maneira, permeados pelo ser-saber, ser-poder e ser-consigo, isto é, como é configurado o sujeito de conhecimento, de ação sobre outros e sobre si mesmo. Nesse ínterim, os sujeitos não são produtores, mas produzidos no interior de saberes (VEIGA-NETO, 2007).

Nesse ínterim, salienta-se a imprescindibilidade de uma discussão em torno dessa temática, comprometendo-se com uma visão crítica e atenta aos processos de violência e exclusão social na educação, bem como com trabalhos científicos que tenham por principal objetivo serem ferra-

mentas que propiciem aos silenciados a possibilidade de gritarem. Enquanto relevância pessoal, salienta-se a possibilidade de efetuar ações micropolíticas fincadas sobre o compromisso ético-político da ciência psicológica com a promoção dos direitos humanos, com a ética da alteridade e do acolhimento ao sofrimento psíquico que passam os corpos travestis e transexuais, refletindo sobre suas experiências no ambiente educacional, que institui normas e padronizações heteronormativas.

Assim, a relevância social está ancorada no protagonismo de corpos que transgressores que representam narrativa marginais diante das estratégias de biopoder para o agenciamento de condutas e comportamentos, fenômeno que exemplifica a dualidade poder/resistência em um dinâmico conflito. Enfatiza-se a crença no deslocamento de forças e a criação de linhas de fuga como forma de resistência, na desestabilização dos mecanismos de poder e na abertura de novas práticas de liberdade. Ademais, ressalta-se que essa pesquisa faz parte de um conglomerado de estudos surgidos a partir das inquietações no Projeto de Iniciação Científica “Psicologia e diversidade sexual: as (trans) experiências na educação de corpos e feitura de gênero de travestis e transexuais no cariri cearense”, promovido pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO) através do grupo de pesquisa Psicologia e Subjetividades contemporâneas.

Com isso, o objetivo desta pesquisa é problematizar a educação dos corpos e feitura do gênero na constituição dos sujeitos. Para isso, segue-se os seguintes objetivos específicos, que compõem os resultados e discussões dessa revisão bibliográfica: a) refletir sobre o biopoder e a docilização dos corpos na educação; b) elucidar uma estilística da existência em corpos abjetos; c) compreender o lugar dos desviantes às heteronormas de gênero, corpo e sexualidade.

Aspectos metodológicos

A presente pesquisa baseia-se numa abordagem qualitaiva, que segundo González Rey (2011), permite uma construção dialética entre pesquisador-pesquisado. Não é propósito dessa abordagem, expressar os conteúdos obtidos de forma objetiva e estática, mas estabelecer a construção de conhecimento como processo fluído e permanente que permite ao pesquisador se debruçar sobre várias possibilidades de condução da pesquisa.

A partir dessa concepção, a pesquisa em questão utilizará como metodologia uma formulação teórica, utilizando-se da revisão bibliográfica. Nesse seguimento, conforme Marconi e Lakatos (2010) a pesquisa bibliográfica

abrange a análise do material publicado sobre o tema estudado. Seu objetivo, ao colocar o pesquisador frente às publicações sobre o tema, não consiste na mera repetição do que já foi dito, mas possibilita a este uma análise mais profunda sobre um tema a partir de uma nova abordagem, possibilitando a construção de novas conclusões diante da temática de interesse dos pesquisadores.

Dessa forma, a fim de desenvolver a revisão bibliográfica desta pesquisa, serão utilizadas como critério de inclusão as produções de Michel Foucault e de pós foucaultianos que se refiram a interconexão entre educação, corpo e gênero. E, enquanto critérios de exclusão as publicações que ultrapassem quinze anos e que não estejam implicadas com a interseccionalidade supracitada. Os livros e artigos científicos foram selecionados na base de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online) a partir de suas introduções e resumos, respectivamente. Destarte, conforme Gil (2010), a finalidade da pesquisa bibliográfica concerne na ampliação dos conhecimentos sobre os discursos produzidos em torno do tema. Em relação ao objetivo, refere-se a uma pesquisa descritiva e exploratória. A pesquisa descritiva se define como o estudo das características de determinado grupo, descrevendo-as. Sendo a pesquisa exploratória, uma forma de possibilitar maior familiaridade com a problemática, apresentando flexibilidade na condução por entender a complexidade dos diversos aspectos constituintes do fenômeno estudado.

O biopoder e a educação: a disciplina dos corpos e a regulação da vida

O corpo aponta para a inscrição de acontecimentos no decorrer de uma existência a partir de práticas sociais. No tocante a constituição do sujeito, as teorizações foucaultianas apontam para formas de ser diante de dispositivos, no governo de si e dos outros. Desse modo, torna-se essencial um olhar atento aos efeitos das práticas e instituições sociais diante das relações de saber-poder que esculpem gestos e comportamentos. Essa maneira de vislumbrar o sujeito inaugura possibilidades de vislumbrar a multiplicidade de sujeitos que habitam seus corpos em suas lutas, confrontos, coerções e verdades (Seffner, 2006).

Assim, para Passos (2013), as discussões foucaultianas compreendem a constituição dos sujeitos interligadas a edificação de modos de subjetivação, configurados a partir de saberes e do exercício de poder em uma agonística entre poder/resistência. O poder é visualizado como jogos de forças instáveis e variáveis em uma batalha perpétua que configuram as relações sociais em determinados

períodos históricos, definindo-se a partir de práticas e discursos. Isso posto, o poder produz realidades e rituais de verdade. Então, com base nesses pressupostos, Louro (2008) defende que no âmbito da educação, o poder é visualizado como estratégia, sendo imprescindível um olhar atento aos efeitos do poder nos corpos em suas manobras, funcionamentos e técnicas.

Destarte, conforme Foucault (2008) compreende-se que o biopoder se refere à arte de governo imposta sobre os corpos, sendo subdividida em anátomo-política e biopolítica. A primeira é composta por dispositivos de poder-saber que operam sobre corpos de forma individual no adestramento e na normatização de papéis e condutas. Dessa forma, alude as instituições sociais que apresentam enquanto primeiro modelo a disciplina religiosa perpetuada pelos conventos, expandindo-se pela sociedade, operando para individualizar, classificar e avaliar incessantemente os indivíduos, propondo programas rigorosos para o adestramento e acompanhamento dos atos. Já a segunda faceta do biopoder, a biopolítica, se refere ao governamentalidade da população, de corpos em múltiplas, gerenciando os espaços e os indivíduos de modo a incitar o gerenciamento de si mesmo e a mercantilização da existência, seguindo a máxima de fazer viver (corpos dóceis) e deixar morrer (corpos desviantes). Há a produção de mecanismo e dispositivos para regular, observar, analisar, intervir e modificar a vida.

A partir das teorizações foucaultianas sobre educação, compreende-se que a disciplina âncora o “homem-máquina”, uma relação materialista que vincula o adestramento com a docilidade na produção de um corpo passível de manipulação. São os corpos dóceis que devem ser submissos, que podem ser utilizados, aperfeiçoados e transformados aos moldes heterossexuais. Tal corpo se torna alvo de investimento de poder, impondo-se obrigatoriedades, proibições e limites. Refere-se a um exercício coercitivo sem interrupção, a submissão de atitudes, gestos e condutas a serem adotadas (Foucault, 2002).

A escola se torna uma instituição panóptica, em que as crianças perdem sua espontaneidade para se tornarem objetos, pois ao corpo precisa ser atribuída a forma desejada para o governo dos sujeitos. Não se trata da negação deste corpo, ignorá-lo, mas de perceber este em seus mínimos detalhes e aplicar dispositivos disciplinares que atuem de modo a tornar o corpo obediente e fiel aos ditames sociais (Probst & Kraemer, 2011).

Em consonância a isso, Louro (2003, p. 61) descreve a lógica que rege as ações educacionais promovem uma pedagogização dos corpos:

Por um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura parecem penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas identidades “escolarizadas”. Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras [...] E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença.

Em continuidade a isso, Louro (2003) acrescenta que são treinados os modos de sentar, andar, caminhar, escrever, brincar e interagir é tomado em dois caminhos: o masculino e o feminino, como meninos e meninas devem se comportam, implicando em estratégias de biopoder que apontam para a heterossexualidade, enrijecimento e cristalização em uma das duas polaridades. Cabendo ao primeiro (homem/masculino) um corpo ativo, liberto e violento, enquanto ao segundo (mulher/feminino) um corpo gentil, passivo, delicado e submisso. Tal concepção não abre margem para pensar na existência da multiplicidade de experimentações de masculinidades e feminilidades, e ainda menos para conceber identidades de gênero que destoem desse esquema polarizado linearmente, tal como a transsexualidade e a travestilidade.

Em consideração a essas identidades renegadas, Rocha e Sá (2013) explicam que a(o) transexual apresenta uma identidade de gênero e sexual que difere de sua constituição biológica, mesmo que não tenha realizado uma cirurgia de redesignação sexual, o seu sexo psicossocial diverge de sua anatomia. De acordo com Pelúcio (2006), as travestis são definidas como pessoas nascidas com a genitália masculina (pênis) e que buscam a inserção de seus corpos simbólicos em atributos femininos, sem o desejo de reparação ou modificação do sexo, e costumeiramente, convivendo com o sexo genital sem conflitos.

Discutindo sobre o papel da educação nesse contexto, Luna (2012) acentua que a escola não produz e transmite apenas conhecimentos, mas também atua como na fabricação de sujeitos, tendendo a classificação e a produção de indivíduos disciplinados e normatizados, presos a uma identidade coletiva padrão sem esperanças de mobilidade e metamorfose.

Assim, conforme Foucault (2002), as estratégias de biopoder esquadriham o espaço e o tempo para o controle minucioso dos movimentos dos corpos inseridos no paradigma docilidade-utilidade, dinâmica essa que é denominada de disciplina, uma anatomia política, uma mecânica do poder, para a operacionalização de como se quer que ele seja. Desse modo, o poder disciplinar tem por intuito a fabricação de corpos submissos, corpos dóceis, estabelecendo o elo entre aumento da aptidão e da dominação. Encontra-se esse funcionamento desde tenra infância em dispositivos educacionais, formada pela multiplicidade de processos que são repetidos e imitados.

Para Michel Foucault (2002) a sexualidade e o corpo são dispositivos históricos, na figura das instituições religiosas, familiares e nos discursos científicos instauram verdades, regulamentam, normatizam e produzem saberes, legitimando verdades através de mecanismos de poder explícitos ou de estratégias sutis de coerção e vigilância. O corpo é submetido a um poder disciplinar em um processo denominado de docilização através de discursos educacionais, exigindo o controle e o esquadrihamento das atividades dos gestos, exercendo sobre esses sujeitos técnicas para um bom adestramento.

Como um microcosmo social, a educação tendo como dispositivo representante a escola, implica-se na repetição de atos discriminatórios, ao silenciamento e a violência, a heteronormatividade é ensinada para ser posteriormente praticada e repassada ao longo das gerações. Ao passo que participa da sociedade e participa da fabricação de representações, a escola produz e reproduz identidades culturais valorizadas para constituir adultos disciplinados e conformados as regras sociais (Ferreira, 2006).

Destarte, os que estão na fronteira da normatividade são relegados à invisibilidade. Uma sociedade organizada por uma série de binaridades como homem/mulher, macho/fêmea, heterossexual/homossexual e adulto/criança postula que o primeiro é o padrão, faz referência ao segundo que é margem, desvio e derivado. Dessa forma, aos que desviam dos padrões determinados pelo binarismo resta serem descartados e vistos como promíscuos, tornando-se vítimas de uma ampla gama de violências (Louro, 2008).

Nesse íterim, em concordância com as discussões de Ferreira (2006), a educação, seja pelo âmbito escolar ou familiar, faz com, que determinados comportamentos sejam ensinados, induzindo as crianças a um modo particular de interpretação da realidade e preservação de valores e morais que foram construídos em um processo histórico para determinar padrões de condutas diferenciados de acordo com o gênero.

Há um interesse social que é manifestado através de estratégias biopolíticas e disciplinares, para que o gênero, corpo e a sexualidade sejam definidos através da genitália. E, mais do que isso, para que o sexo e o gênero se correspondam, existindo somente dois sexos (homem/mulher) e dois gêneros (masculino/feminino). Conforme Louro (2008, p. 7): “o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar”, reflexão que alude ao que Bento (2006, p. 120): “a anatomia é o destino”. Nesse sentido, a anatomia dos corpos delimitam quais práticas educativas serão dirigidas a esse sujeito e ditam sobre as possibilidades e limites de ser no mundo. Há linhas de força formadas pelas normas sociais regulatórias que produzem discursos sobre o corpo a partir da sua identificação enquanto macho ou fêmea, inscrevendo a lógica de uma compulsória heteronormatividade, isto é, a produção de uma coerência entre sexo/gênero e sexualidade.

Nesse sentido, Louro (2008) aponta que em um mundo pós-contemporâneo caracterizado pelo movimento e dissolução de pontos fixos, segura-se o que aparece mais tangível, concreto, manuseável, o corpo, e espera-se que ele dite a verdade sobre o nosso desejo. Todavia, há diversidade de identidades que podem ser constituídas nas diferentes combinações entre corpo-gênero-sexualidade é relegada ao lugar de desvio, tais identidades são ilegítimas. Posto isso, algumas identidades são tidas como normais, e não precisam dizer de si, enquanto outras são marcadas por não terem o direito de falar por si, tal como as(os) transexuais e travestis. No jogo biopolítico das dicotomias, travestis e transexuais transgridem a uma visão limitada e encapsulada sobre gênero e sexualidade, ocupando uma zona inóspita e um lugar de abjeção.

O lugar dos desviantes: a vida nua e o sofrimento ético-político-antropológico de corpos abjetos entre o assujeitamento e a resistência

A normalização pedagógica atua na produção de um modo de subjetivação, na definição de um sujeito conforme as condições das quais é submetido, sendo o estatuto de assujeitamento a posição que lhe designa enquanto sujeito legítimo. Através dos dispositivos de normalização e das práticas educacionais os indivíduos se constituem enquanto sujeitos. Desse modo, há uma economia de poder que faz circular os efeitos das relações de poder e que articula aparelhos ideológicos, políticos e dispositivos de saber que se articulam e alcançam concretude nas instituições. Destarte, a normalização é um instrumento do poder disciplinar, efetuando condições para a produção de espaços na sociedade, esquadrihando, qualificando e

reprimindo os comportamentos indesejáveis e diferentes dos sistemas normativos, sendo essencial ao movimento de permanente controle (Menezes, 2008).

Sendo assim, a exclusão social está interligada a uma destituição severa da função personalidade, ocorre quando não há oportunidade de participação em um Estado de direito, condenados por um poder soberano em um sistema de justiça política em que as pessoas são vigiadas e punidas. Como pontua Agamben (2002), essas pessoas são excluídas da participação política e de reduzidos a condição de vida nua, inúteis, descartáveis e destituídas de direitos humanos. As vidas nuas são facilmente e cruelmente mortas, negligenciadas e esquecidas. O lugar dos desviantes dos padrões binários é o de subalternização, alvo de uma ampla gama de violências, uma vez que a multiplicidade de performances de gênero é visualizada como algo a ser aniquilado à qualquer custo, nem que esse custo seja o derramamento de sangue.

Todavia, o conceito de performance discutido por Butler (2003, p. 200) alude ao ato de dar forma e criar efetuada por qualquer corpo, desconectando-se da ideia de que cada corpo corresponderia a apenas um gênero:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero.

Destarte, Judith Butler discute sobre a noção de corpo abjeto. A autora discute sobre esse conceito a partir de Kristeva (1982, p. 69), representando a abjeção como “a matéria que sai deles [dos orifícios do corpo] é uma coisa marginal do tipo mais óbvio. Saliva, sangue, leite, urina, fezes ou lágrimas” (*tradução nossa*). Esses excrementos e excessos são descartados e evacuados, simbolizando aquilo que as pessoas não querem ver em si mesmas, suas instabilidades e oscilações. Por esta alusão, dirige-se a vulnerabilidade ético-política de travestis e transexuais.

Os conceitos de biopoder e vida nua estão diretamente interconectados, apontando para o sofrimento de travestis e transexuais, e suscitando reflexões contemporâneas acerca das imposições coercitivas. Sendo por assim, extirpados das representações sociais que validam como genuínas. Portanto, existe a possibilidade da realidade social

de privação da existência, pois não é reconhecido em sua legitimidade de desfrutar de direitos. O regime conservador-patriarcalista e a cultura machista se sobrepõem a essas populações, dominando minorias políticas sexuais e de gênero (Santana & Belmino, 2018).

Dessa forma, a transexualidade e a travestilidade para Butler (2003) são atravessadas por uma abjeção, negando as categorias dicotomizantes de uma matriz cultural normativa. O abjeto representa zonas inóspitas da sociedade, habitadas pelos que não gozam do status de humanidade. A sociedade é organizada mediante um sistema ético de cristalização de identidades, tomando o lugar da abjeção a percepção dos sujeitos com o que repudiam em si mesmos, incertezas que não desejam ver em si próprios e que quando vislumbradas em sujeitos desviantes, abalam os valores, as normas e os preceitos morais. Outrossim, a autora indaga: quais vidas importam? Quais corpos são passíveis de luto? Travestis e transexuais são violentados e mortos cotidianamente, tornando-se alvo de atrocidades e suplícios, sendo facilmente descartadas(os).

Conforme discute Menezes (2008), a escola, como operadora do adestramento desde o século XVIII, consegue ilustrar um caráter normalizador e vigilante que possibilita maior conhecimento e domínio sobre os comportamentos. Isso posto, é primeiramente nas instituições escolares que os métodos disciplinadores emergem, uma vez que os sujeitos são individualizados mesmo nas suas multiplicidades. A individualização, a hierarquia, a censura, a repressão e a homogeneização são mecanismos biopolíticos organizadores de controle social.

Tais dispositivos pedagógicos de segmentação e sujeição dos indivíduos são fatores que formam uma teia de adestramento, produzida para a extração das forças dos corpos, para a apropriação progressiva e melhor das capacidades e uma generalização incessante a estilos de vida condizentes com a heteronormatividade, corpos que sigam ortodoxamente as concordâncias socioculturais entre corpo, gênero e sexualidade. Em continuidade a isso, a autora afirma que a escola tem um papel protagonista na maximização da eficiência e minimização da resistência. Se por um lado, apresenta uma pedagogia disciplinar de ortopedização dos indivíduos com sua materialização em dispositivos para o bom adestramento, por outro lado, uma pedagogia da normalização que incide em modos de subjetivação bem delimitados aos indivíduos caso queiram ser considerados sujeitos legítimos (Menezes, 2008).

Nesse sentido, o filósofo Guattari (1981, p. 215-216) discorre que o desejo passeia pelos campos sociais de forma fluída, subversiva e ensurdecadora. O desejo é com-

parado a criação de mundos, navegação em alto mar, descobertas de modos de ser e estar no mundo, lançar-se ao universo subjetivo:

[...] desejo a todas as formas de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores [...] o desejo, em qualquer dimensão que se o considere, nunca é uma energia indiferenciada, nunca é uma função de desordem. Não há universais, não há uma essência bestial do desejo.

Assim, há uma pedagogia da subjetivação que surge conjuntamente a biopolítica, ditando novas formas de normalização mais eficazes e sutis, gerindo vidas em uma ordem que se instaura no nível mais elementar da vida. Por conseguinte, opera com a apreensão e reconhecimento do indivíduo enquanto sujeito de acordo com as formas pelas quais se relaciona consigo mesmo (Menezes, 2008).

Nesse ínterim, discute-se sobre como a temporalidade social afeta as capacidades narrativas dos indivíduos no ato de relatar a si mesmo, efeito de um sistema de inter-relação de castigos e justiça concernentes as exigências socioculturais. O conjunto de regras e preceitos morais é introjetado pelos corpos em um ataque contra impulsos não-normativos, mas também há um efeito de sublimação quando os corpos transexuais e travestis são violentados. O “outro” corta o “eu” como uma lâmina afiada, mostrando na concretude desejos, diferenças e diversidades (Butler, 2015).

Destarte, diante de um sistema ético que impõe um auto-conhecimento completo de si, fomenta-se uma violência fincada na autocensura e rigidez de identidades é proposto a descentralização identitária, em razão de as condições sociais desorientarem o reconhecimento individual, sendo o “outro” capaz de apontar para a orientação daquilo que fomos, somos ou que iremos vir a ser. Aponta-se para um desejo de (des)entendimento e (des) colonização do outro, sugerindo uma ética da responsabilidade e de posicionamento crítico contra a violência, criando espaço para a emancipação social de corpos travestis e transexuais que subvertem normativas. Compreende-se as sexualidades e os gêneros não confinados aos apelos de ideais normativos, desmistificando a injunção social e advogando em prol do direito basililar de existência (Butler, 2000; 2015).

Desse modo, Menezes (2008) aponta que a educação investe sobre a fundição de uma relação entre os mecanismos pedagógicos e os dispositivos de normalização, descrevendo o que deve conceber um sujeito, as quais

condições ele precisa estar submetido para ser considerado um, quais modos de pensar e agir, quais estatutos reais ou simbólicos para isso. Jogos de verdade que instauram o que é verdadeiro ou falso resultam em modos de objetivação do que é ser sujeito. Portanto, a constituição do sujeito é estabelecida por jogos de verdade, pelos efeitos do poder e pelo cuidado de si. Esse último, o cuidado de si, está diretamente implicado com uma estética/estilística da existência que remonta a impossibilidade da ausência de resistência nas relações de poder.

Por uma estilística da existência: a revolução queer e a problematização dos modos de existência

O exercício de poder situado por Foucault (2014) ocorre intrinsecamente aos processos de resistência. Para além de um caráter estável, coercitivo e proibitivo, o poder é produtor de modos de subjetivação, efeitos de verdades e agonísticas. Desse modo, o poder não é meramente opressor ou algo que possa ser adquirido e tomado, mas exercido na interação de relações móveis e não igualitárias em ações complexas sobre as condutas dos outros, são táticas, manobras e estratégias em batalhas perpétuas na teia de relações. Indissociável a liberdade, o poder implica condições históricas, agenciamentos que entrecruzam práticas, saberes e instituições. Os modos de subjetivação englobam saber(arqueologia), poder (genealogia) e ética/resistência (estética da existência). A cada uma dessas facetas, denominam-se perguntas fundamentais: o que posso saber? O que posso fazer? Quem sou eu?

Dessa maneira, a ética foucaultiana é compreendida como problematização dos modos de existência, nas relações com os outros e com si mesmo. A moral é designada pelo conglomerado de regras instituídas pela família, religião, escola e trabalho. Propõe-se uma ética que seja pensada como modo de reflexão sobre a vida para que seja construída como uma obra de arte. A arte de viver diz respeito à ampliação da liberdade, o estabelecimento de uma maior alternância entre jogos de poder e verdade para conceber movimentos de resistência a dominação. Retorna-se a Grécia Antiga para pensar a experiência de si e evidenciar a precarização dos modos de subjetivação contemporâneos (Foucault, 2006a).

Nesse viés, Oksala (2011) explica que a estética da existência/estilística da existência é um termo cunhado pela teoria foucaultiana para designar sua fase ética, a saber, o que ficou conhecido como o último Foucault. Em seus primeiros estudos, debruçou-se sobre a arqueologia, posteriormente sobre a genealogia. Na década de 70, apre-

sentou-se uma descrição mais completa da constituição do sujeito: a subjetivação. Contudo, as discussões sobre arqueologia, genealogia e estética da existência são indissociáveis.

A definição de gênero disposta por Seffner (2006) abrange duas facetas em interrelação: 1) elemento constituinte das relações sociais e culturais repousando na diferenças sexuais; 2) forma primária de dar significado as relações de poder; 3) ferramenta social para se contrapor as imposições biológicas do corpo. A constituição da identidade faz-se em decorrência de representações sociais previsíveis e imprevisíveis, desejadas e indesejadas.

Em complementariedade a isso, Goellner (2006), destaca que conforme o suporte teórico construído por Michel Foucault e Jacques Derrida, o gênero faz alusão a uma categoria analítica que reflete sobre o caráter relacional dado aos sexos ao evidenciar não somente a questão biológica que estabelece diferenciações entre homens e mulheres, mas se referindo principalmente aos aspectos sociais, políticos, históricos e culturais que permeiam os corpos. Destarte, destaca-se que o poder não é uma substância a ser adquirida ou tomada, o poder é exercido em teias igualitárias e móveis. As relações de poder designam os efeitos de desigualdades e desequilíbrios sociais. Nesse tocante, Foucault (2014, p. 91) avisa sobre a pluralidade de resistências: “possíveis, necessárias, improváveis; espontâneas, selvagens, solidárias, combinadas, impetuosas ou violentas; outras ainda que se apressam em transigir, são interesseiras ou sacrificatórias”.

Diante disso, os corpos abjetos se referem a indivíduos sem importância, corpos que mesmo sendo materializados cotidianamente não são passíveis de luto, e tão pouco de dignidade humana. A representação do que é ser abjeto é ocupada por aqueles que estão nas zonas inóspitas da sociedade, não usufruindo do status de humanidade. Com isso, designam simbolicamente restos de holocausto, uma vez que ao passo que são vítimas de violência, resistência. Assim, explicita-se o duplo viés dos corpos abjetos: entre a repressão e a luta, não se conformam as imposições para a subordinação as normas, estampando e vociferando as instabilidades e possibilidades de rearticulação frente à lei (Butler, 2003).

A partir de Louro (2003), denomina-se *queer* a tudo que é estranho e não tolerado ou integrado aos olhares da sociedade, condizendo com aos sujeitos que desviam da sexualidade heteronormativa, incluindo por assim dizer travestis e transexuais. Nesse seguimento, pensar na produção de identidades de gênero significa refletir sobre a construção de corpos, acreditando que o corpo não é

universal, mas mutante, provisório, mutável e vulnerável a diversas intervenções conforme o desenvolvimento científico e tecnológico de determinada configuração sociopolítica.

Para Butler (2003), forte influenciadora da teoria *queer*, a constituição dos corpos, gêneros e sexualidades ultrapassam pólos dicotômicos e binários, lutando-se pela inclusão social das pessoas que ocupam lugares de fronteira entre masculino/feminino. As performances sociais ultrapassam conceitos identificatórios cristalizados e se colocam de maneira fluída, dinâmica e inconstante, produzindo formas de resistência perante a inconformidade aos ditames de gênero. Ao desfazer o gênero, a autora recusa um caráter essencialista da masculinidade e da feminilidade, pois acredita que gênero e corpo são construídos culturalmente, vislumbrando possibilidades de agenciamento coletivos, desterritorializações e contestação as imposições. Dessa forma, há uma profunda relação entre as teorizações de Michel Foucault e Judith Butler. A teoria *queer* reflete pelo menos duas vertentes: por um lado, uma atitude existencial que considera o comportamento transgressivo de desrespeito a heteronormatividade e por outro lado, uma teoria que procura estabelecer princípios e criar dispositivos que rompam com os valores impostos pela doxa.

De acordo com Revel (2005), a temática de uma “estética da existência” demarca a descrição de dois tipos de morais diferentes. Primeiramente, a moral greco-romana dirigida para a ética e para as obras de arte, enquanto que a segunda está ligada a uma moral cristã e a obediência de códigos sociais. A estética da existência demarca o retorno a invenção de si. Configurando-se como prática ética na produção de subjetividade representa a junção entre assujeitamento e resistência, sendo um gesto fundamentalmente político. Assim, “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p. 59)

Concernente a isso, as relações de poder e normalização dos corpos e do gênero estão diretamente implicadas com formas de resistência. Para a teoria foucaultiana, não existe poder sem resistência. Em concordância a isso, discute-se que para além da repressão e da censura, o poder produz modos de subjetivação e de resistência. Ao final de sua produção teórica o filósofo Michel Foucault em sua terceira fase, que pode ser denominada de estética/estilística da existência reflete sobre como as pessoas eram

capazes de moldar a si mesmos através de práticas éticas, de técnicas de si, ampliando os olhares para a produção de resistência em meio as relações de assujeitamento (Oksala, 2011).

Logo, como aponta Butler (2015), visualiza-se como forma micropolítica de resistência e cuidado de si descentralizar a cristalização das identidades sociais, uma vez aceitando a desorientação do reconhecimento individual em uma identidade. Por fim, sugerindo-se a formação de uma ética da responsabilidade em detrimento de uma ética da violência que busca a aniquilação da diversidade, da diferença e do desvio social. Ao passo que as relações de poder estão em todos os lugares, a resistência é a possibilidade de criação de espaços de luta e de agenciamentos de possibilidades de transformação social.

Considerações finais

Compreende-se que apesar das crescentes pesquisas em torno do corpo, do gênero e da sexualidade, também se fazem intensas e crescentes discursos de ódio e incitação da violência contra as pessoas desviantes da heteronormatividade. Diante disso, ressalta-se a importância de pesquisas que discutam as questões políticas e sociais da constituição dos corpos e da feitura do gênero na educação. Salienta-se que uma educação conservadora, atualmente, tão incitada e valorizada, produz sofrimento ético-político-antropológico ao ter por ideologia principal a prática de ações coercitivas, hierarquizadas e normalizadoras. Repreende-se desde terna infância atitudes, condutas, gestos e comportamentos não desejáveis pela sociedade. Com isso, produzindo corpos dóceis, úteis e submissos a retroalimentação de um sistema de desigualdades sociais e de violência a diversidade.

Nesse íterim, fortalece-se a importância da edificação de uma educação inclusiva, voltada para o fortalecimento das resistências ao poder e a modos micropolíticos de subversão a um sistema educacional que deslegitima cotidianamente corpos. Destarte, investindo-se sobre atitudes-limites de enfrentamento as imposições sociais, mesmo que diante da atual emergência de um Estado de exceção totalitário que destitui o Estado democrático de direito e faz com que as relações de poder se transfigurem em relações de dominação. Atenta-se para a importância de pesquisas que discutam os dispositivos de poder-saber, tal como a educação, para a constituição de corpos travestis e transexuais, sublinhando o caráter dinâmico, pulsional e rizomático que há nesses corpos que apenas por existirem e se mostrarem expostos nas ruas da cidade resistem. A resistência é materializada no corpo

na luta pelo direito a existir e exposta na face de estranheza provocada pelo olhar do outro, a resistência é vivida na maquiagem, no silicone, na barba, há pessoas se mostrando em carne com riscos de verem seu próprio sangue.

Ressalta-se que se faz imprescindível transformações nas práticas educacionais para que tenham por protagonista a diferença, fomentando espaços de emancipação e criação de linhas de fuga, uma vez que as estratégias de disciplinamento e docilização dos corpos usualmente afastam travestis e transexuais de espaços educacionais formais. Acrescenta-se a compreensão de que o fazer do psicólogo está direcionado a reflexões críticas diante de posturas repressoras sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades, destacando-se o fortalecimento do compromisso ético-político com o acolhimento ao outro, combatendo as opressões e os vilipêndios aos direitos humanos. Portanto, contrapondo-se a processos sociais excludentes e disseminando uma ética do risco, do estabelecimento de novas experiências e de relações dialógicas, em um movimento de alteridade, da valorização e protagonismo do estranho, advogando a favor do marginal, da vida nua, do corpo abjeto, do sujeito desviante.

Referências bibliográficas

- Agamben, G. (2002). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Bento, B. (2006). *A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-166.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2015). *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Ferreira, M. O. V. (2006). Docentes, representações sobre relação de gênero e consequências sobre o cotidiano escolar. In: Soares, G. F.; Silva, M. R. S.; Ribeiro, P. R. S. (Orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais* (pp. 69-82). Rio Grande: Edit. da FURG.
- Foucault, M. (2002). *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. São Paulo: Ática.

- Foucault, M. (2008). *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2014). *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra.
- Louro, G. L. (2003). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Louro, G. L. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Revista Pro-Posições*, São Paulo, 19(2), 17-23.
- Luma, N. A. (2010). *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5 ed. São Paulo: Atlas.
- Goellner, S. V. (2006). As práticas corporais e esportivas e a produção de corpos generificados. In: Soares, G. F.; Silva, M. R. S.; Ribeiro, P. R. C. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais* (p. 32-38). Rio Grande: FURG.
- González Rey, F. L. (2011). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.
- Guattari, F. (1981). *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.
- Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos de metodologia científica*. 7 ed. São Paulo: Atlas.
- Menezes, A. B. N. T. (2008). Foucault e as novas tecnologias educacionais: espaços e dispositivos de normalização na sociedade de controle. In: Veiga-Neto, A.; Souza-Filho, A. (Orgs.). *Cartografias de Foucault* (p. 27-40). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- OKSALA, J. (2011). *Como ler Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PASSOS, I. C. F. (2013). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- PELÚCIO, L. (2006). Três Casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(2), 522-534.
- PROBST, M.; KRAEMER, C. (2011). Disciplina, biopolítica e educação: o corpo na escola. Santa Catarina, *Poiésis*, Rio de Janeiro, Edição especial, 103-119.
- REVEL, J. (2005). *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz.
- ROCHA, M. V.; SÁ, I. R. (2013). Transsexualidade e o direito fundamental à identidade de gênero. *Revista do Instituto do Direito Brasileiro*, São Paulo, 3(2), 2337-2364.
- SANTANA, J. R. S.; BELMINO, M. C. B. B. (2017). Identidades de gênero na perspectiva da teoria do self: uma leitura gestáltica acerca da sexualidade na contemporaneidade. *Revista IGT na Rede*, Rio de Janeiro, 14(27), 136-162.
- SEFFNER, F. (2006). Cruzamento entre gênero e sexualidade na ótica da construção da(s) identidade(s) e da(s) diferença(s). In: SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Meri Rosane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais* (p. 85-94). Rio Grande/RS: Edit. da FURG.
- VEIGA-NETO, A. (2007). *Foucault e a educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica.